

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

GESTÃO FINANCEIRA: Uma análise sobre os comportamentos financeiros dos jovens do Rio de Janeiro.

VITÓRIA CAROLINA DE OLIVEIRA CAVALCANTI
Matrícula nº: 119144163
E-mail: vitoriacavalcanti32@gmail.com

ORIENTADOR: Prof. Raphael Moses Roquete

RIO DE JANEIRO
2023

VITÓRIA CAROLINA DE OLIVEIRA CAVALCANTI

GESTÃO FINANCEIRA: Uma análise sobre os comportamentos financeiros dos jovens do Rio de Janeiro.

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção de bacharel em Contabilidade.

ORIENTADOR: Prof. Raphael Moses Roquete

RIO DE JANEIRO
2023

VITÓRIA CAROLINA DE OLIVEIRA CAVALCANTI

GESTÃO FINANCEIRA: Uma análise sobre os comportamentos financeiros dos jovens do Rio de Janeiro.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte da exigência parcial para obtenção de bacharel em Contabilidade.

ORIENTADOR: Prof. Raphael Moses Roquete

Aprovado em ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof. Raphael Moses Roquete (Orientador)
FACC/UFRJ

Prof. Claudio Marcos Maciel da Silva
FACC/UFRJ

Prof. Frederico Otavio Sirotheau Cavalcante
FACC/UFRJ

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a.)

Dedico este trabalho a minha família, especialmente ao meu pai e minha mãe, que me mostraram o significado de resiliência e garra nas atitudes do dia a dia, me formando para ser uma mulher de luta perante as adversidades e ao meu irmão (Erick), pois são a base das minhas conquistas. Nossa união me tornou uma pessoa forte e com valores bem definidos.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo investigar a relevância da educação financeira para jovens residentes no Rio de Janeiro, focalizando o desafio do endividamento precoce devido à falta de habilidades de gestão financeira. A pesquisa empregou um questionário com 10 questões para avaliar o comportamento financeiro dos jovens cariocas, revelando uma situação alarmante de endividamento e má administração financeira. O estudo argumenta que é crucial que os jovens adquiram conhecimentos financeiros para se tornarem adultos financeiramente conscientes e competentes. Além disso, destaca a disponibilidade de recursos educacionais gratuitos e seguros, como os cursos oferecidos pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Banco Central do Brasil (BCB) e Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), embora essas opções permaneçam em grande parte desconhecidas. A estrutura do trabalho abrange cinco seções, incluindo introdução, conceitos-chave e fundamentos teóricos, metodologia, análise de resultados e conclusão

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO.....	7
II – CONCEITOS FUNDAMENTAIS E REFERÊNCIAS TEÓRICAS	10
III – METODOLOGIA	18
IV – ANÁLISE DOS RESULTADOS	20
V – CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

I INTRODUÇÃO

A origem do dinheiro ocorreu pelas necessidades do homem primitivo precisar se defender da fome e do frio. Com isso, inicialmente eram feitas trocas de mercadorias chamadas de escambo, posteriormente houve o surgimento da moeda de ouro, prata e metal, dando origem ao principal recurso financeiro, o dinheiro, meio pelo qual é utilizado atualmente pela civilização com algumas mudanças.

Dinheiro é uma palavra tão simples, mas quando mal administrado, acaba apresentando uma falta de gestão financeira pessoal de qualidade pode se tornar um instrumento complexo, gerando problemas financeiros como endividamentos. Logo, salienta-se a necessidade da exposição de carência de gestão financeira de qualidade e suas consequências.

É indubitável que a educação financeira é essencial na vida de todo cidadão, em virtude que, a partir dela, este pode agir de modo racional, gerindo suas finanças pessoais, obtendo recursos com intuito de melhorar sua qualidade de vida e, acima de tudo, possuindo consciência financeira; já que, com a educação financeira, aumenta-se a probabilidade de uma melhor gestão do dinheiro.

Quando é observado o panorama atual de finanças pessoais no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, que será o ponto focal deste trabalho, objetivando um público alvo sendo os jovens residentes do solo carioca, é visto um retrato de endividamento prematuro, com dívidas extensas, por causa de inúmeros comportamentos financeiros errados.

Contudo, a maior justificativa desse problema é a falta de educação financeira no Brasil, onde entidades governamentais, educacionais e familiares não tratam como prioridade as finanças pessoais, em razão da falta de consciência financeira, onde os jovens não possuem a cultura de poupar, de possuir um fundo de emergência e muito menos de investir sua renda; será ratificado esse argumento através de gráficos e números reais da sociedade resultantes de pesquisa realizada a partir do questionário com 83 (oitenta e três) jovens do Rio de Janeiro.

O objetivo deste artigo será evidenciar a importância de tratarem o dinheiro como um pilar fundamental na vida do jovem, a fim de que se torne um adulto consciente para com seus gastos

e saiba executar a gestão financeira de sua renda, controlando suas receitas e despesas através de um planejamento financeiro, reconhecendo seus erros sobre as finanças e ter ciência de que precisa melhorar para atingir uma vida financeira saudável.

Será abordado ainda recomendações de métodos gratuitos e seguros para população ter acesso a educação financeira, cursos disponibilizados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Banco Central do Brasil (BCB) e Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF); eles oferecem através de seus sites na internet uma sessão de cursos incluindo materiais, vídeos e publicações, mas não são muito divulgados pela sociedade. Com isso, a maioria da mesma não possui conhecimento desses materiais.

Em face disso, o trabalho está organizado em cinco seções: a introdução, conceitos fundamentais e referências teóricas, metodologia, análise de resultados e conclusão. No capítulo 2, será abordado a contextualização do tema sobre Gestão Financeira como uma análise sobre os comportamentos financeiros dos jovens do Rio de Janeiro, apresentando definições de educação financeira, gestão financeira pessoal, finanças pessoais, endividamento causado pela falta de planejamento financeiro, a importância da inclusão do processo de ensino sobre educação financeira ser extremamente necessária, a partir da visão de diversos autores da segmentação financeira.

Ainda nesse tópico, será exposto o problema do tema, sendo a falta de controle de gastos, gerando despesas maiores que a receita, endividamentos futuros, má gestão do dinheiro resultando em uma saúde financeira fragilizada para o jovem do Rio de Janeiro. Nessa segmentação, ainda será apresentado o objetivo deste trabalho de conclusão de curso, que é destacar a carência da gestão financeira de qualidade, a partir dos comportamentos financeiros dos jovens residentes do Rio de Janeiro e, juntamente, mostrar a justificativa da importância da exposição desse tema da ausência de gestão financeira de qualidade e suas consequências.

No capítulo 3, nomeado de metodologia da pesquisa, apresentam-se quais procedimentos metodológicos foram aplicados, sendo eles: métodos de pesquisas exploratórias, bibliográficas, pesquisa-ação quantitativa e qualitativa. Foi feito uso dos questionários a partir da coleta de dados, a fim de descrever os comportamentos financeiros dos jovens do Rio de Janeiro.

O capítulo 4 tratará da análise dos resultados da pesquisa, demonstrando os resultados, fazendo análises sobre os dados das entrevistas. Por fim, o trabalho será concluído no capítulo 5, na seção da conclusão, no qual constará as principais respostas ao problema da pesquisa, salientando novamente a importância da educação financeira na vida do jovem residente do Rio de Janeiro e da necessidade de divulgação dos materiais gratuitos de cursos de finanças pessoais no site da CVM, BCB e ENEF. O objetivo é avançar e mudar a cultura brasileira, especificamente a carioca, em relação à gestão financeira.

II CONCEITOS FUNDAMENTAIS E REFERÊNCIAS TEÓRICAS.

Na literatura, é possível verificar a confirmação dessa tese a partir dos estudos acerca da temática de Educação Financeira. A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) afirma que a Educação Financeira foi importante aos consumidores, auxiliando-os a orçar, gerir, poupar, investir seu dinheiro e evitar serem suscetíveis a fraudes. Todavia, houve um aumento nos últimos anos em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros e das mudanças demográficas, econômicas e políticas.

Henrique (2010) salienta a importância da educação financeira na sociedade, por ser um pilar importante representando grande parte das decisões que o ser humano toma ao longo da vida. O escritor diz ainda que o cidadão é confrontado diariamente por decisões financeiras incontáveis. Outrossim, reforça ainda em sua escrita que, para tomada de decisão, é fundamental ter mais do que a intuição, mas sim, é indispensável possuir informação e conhecimento sobre as decisões a tomar

Com base no pensamento do autor Pires (2012), verifica-se que a educação financeira gera benefícios universais, uma vez que crianças e adolescentes deverão formar uma nova geração de cidadãos mais conscientes de suas receitas e despesas e menos endividados. Entretanto, no Brasil, em sua grande maioria, não há educação financeira nem nas famílias e nem nas escolas, e as consequências desses fatos estão fundamentalmente relacionadas às mudanças econômicas e ao endividamento tanto das pessoas quanto do país.

Greenspan (2002), levanta a importância da educação financeira ser útil para os cidadãos, em detrimento de ser necessário criar a elaboração de um planejamento financeiro, executando investimentos estratégicos contribuindo em suas escolhas. Com isso, auxiliam de modo apropriado a utilização dos recursos financeiros disponíveis.

Levando em conta o conceito de Halfeld (2006), a Gestão Financeira Pessoal é a criação de um projeto para manter ou juntar capital que resultarão em patrimônio do indivíduo ou família, não possuindo um tempo pré-estabelecido para execução, mas sim um intuito de assegurar a estabilidade financeira do cidadão.

A autora Coelho (2011) comenta sobre o ato de planejar e diz como ele é essencial para tudo na vida, principalmente para as finanças, uma vez que manter um controle e planejamento por meio da contabilidade é capaz de ajudar seus usuários a viverem com seus recursos, executarem a administração das contas, tornando-se independentes.

Klapper, Lusardi e Panos (2012) abordam a ideia de que a capacidade das pessoas para tomada de decisão financeira é primordial para o desenvolvimento das finanças pessoais, onde seja capaz de contribuir para a atribuição mais eficiente de recursos financeiros.

As finanças pessoais estão interligadas à administração do próprio dinheiro, organização de contas, receitas, aplicações financeiras, previsão de rendimento e priorização de investimentos, segundo Fernandes, Monteiro e Santos (2012).

Abordando ainda sobre Educação Financeira, os autores Schagen e Lines (1996) consideram a mesma como a habilidade de executar julgamentos fundamentados e de tomar decisões concisas em relação ao uso e gestão do dinheiro.

CAMPBELL (2006) e LUSARDI (2007) apresentam sobre as escolhas financeiras ao longo da vida, sendo algumas simples. Os autores exemplificam escolhas simples, como compra de um eletrodoméstico, e as mais complexas como a compra de um imóvel. Eles evidenciam que as pessoas precisam de informação ou algum conhecimento financeiro, também conhecido como educação financeira, para tomada de decisão.

No livro *Pai Rico e Pai Pobre* o Kiyosaki (2000) demonstra sua preocupação com as pessoas se preocuparem demais com dinheiro e não com sua riqueza e educação. Ele afirma que se as pessoas estiverem preparadas para serem flexíveis e mantiverem suas mentes abertas para aprender, o resultado será que os seres humanos se tornarão cada vez mais ricos ao longo dessa mudança. O autor complementa discorrendo que se elas mantiverem o pensamento de que o dinheiro resolverá seus problemas, ele prevê dias difíceis.

Segundo Gitman e Madura (2003), o planejamento financeiro de longo prazo é composto por ações financeiras organizadas e o resultado previsto dessas providências em períodos alternando entre 2 e 10 anos, ao passo que o plano financeiro de curto prazo determina e o impacto previsto dessas ações.

Eker (2006) trata em seu livro “Os segredos da mente milionária” que toda criança é ensinada a pensar e agir quando o assunto é finanças, visto que as sociedades possuem modos particulares de pensar sobre o dinheiro e a maneira geri-lo.

Camargo (2007) desenvolve sua tese dizendo que a administração do dinheiro é constituída a partir da educação financeira. Além disso, para o escritor, o planejamento financeiro individual equivale em determinar e acompanhar um plano decidido e coordenado para a preservação de bens e valores que irão construir o patrimônio de um ser humano e de sua família. O autor acrescenta ainda que esse processo pode ser aplicado para curto, médio ou longo prazo, haja vista que visa assegurar o conforto econômico-financeiro do cidadão.

Cherobim (2010) diz que o planejamento pessoal está intimamente associado com as metas e objetivos pessoais do ser humano, inicialmente com o planejamento estratégico pessoal, onde deve ser definido o que o ser humano quer ser daqui a um, cinco, dez anos e para o resto da vida, ou seja, estabelecer objetivos de curto, médio e longo prazo. O planejamento financeiro pessoal é o esclarecimento de que maneira serão viabilizados os recursos financeiros indispensáveis para atingir os objetivos determinados.

Segundo Cássia D’Aquino (2012), a Educação Financeira nos países desenvolvidos tradicionalmente cabe às famílias ensinarem esses conhecimentos financeiros, enquanto as escolas ficam destinadas a executarem apenas um reforço sobre a formação que o estudante obtém em casa, visto que nesses territórios há uma importante preocupação com a Educação Financeira em virtude de dois aspectos: primeiro, aos avanços da medicina que indicam uma expectativa de 120 anos para as novas gerações, e segundo, por as crianças estarem crescendo em uma cultura consumista.

Enquanto na literatura mundial observa-se distintos estudos sobre a significativa relevância dos conteúdos de educação financeira para as companhias, Dolvin e Templeton (2006) apresentam a propagação desses projetos em firmas, especialmente nos Estados Unidos.

Contudo, infelizmente, no Brasil, esse panorama não é visto, uma vez que a Educação Financeira não é um hábito comum nas famílias brasileiras, menos ainda nos colégios. A partir desse cenário, observa-se que na infância o indivíduo não aprende a manusear o dinheiro, e

conforme ele vai crescendo a probabilidade dessa cultura mudar é bem baixa. Normalmente, o resultado dessa situação é uma vida de oscilações econômicas, com significativas consequências para o cidadão e para o país.

Ainda segundo Cássia D'Aquino (2012), a autora afirma sobre a necessidade de educar financeiramente para atingir a maturidade financeira, sendo um objetivo de educação em relação ao dinheiro, mostrando caminhos para adiar presentes desejos em virtude da aquisição de ativos, benefícios econômicos futuros. Entretanto, a autora salienta que não é um processo natural alcançar essa maturidade, pelo contrário, já que o ser humano possui natureza de buscar a satisfação instantânea, principalmente no mundo atual, rodeado de tecnologia. Com isso, faz-se necessário ultrapassar esse obstáculo, e ter a educação financeira sendo inserida a partir dos primeiros meses da vida das crianças.

Complementando a temática, o autor Matsumoto (2013), identifica que o Brasil encontra-se em um estágio inicial, embrionário e lento quando a pauta é Educação Financeira, ele diz que os conceitos financeiros são bem entendidos pelos brasileiros, mas juntamente com esse argumento defende que a realidade deve ter fundamentos melhores. O escritor expõe ainda que o Governo e a civilização devem sim se inquietar com a conjuntura atual e viabilizar programas com intuito de desenvolver a Educação Financeira.

Confirmando a tese de que o Brasil possui um mau planejamento financeiro pessoal, o Frankenberg (1999) disserta sobre o Brasil ter pouca ou nenhuma educação financeira, possuindo anos de inflação, desinformação e falhas ocorridas, resultado de conceitos financeiros errôneos, absorvidos sem contestação e passivamente pela população.

Em uma reportagem da Revista Exame, Figueiras (2013), afirmou que os brasileiros economizam pouco, e quando economizam fazem aplicações erradas de seus recursos. Em virtude, de acontecimentos relacionados à preguiça, visto que no Brasil possui o costume de aplicar as sobras do salário no próprio banco, e não é bem desse modo que os investidores recomendam aplicar seus investimentos.

Sobre os perfis de investidores, Bodie (1999) expõe que a população que entende sobre finanças possuem dois perfis: um, aqueles que são possuidores de grandes riquezas e dois, aqueles que não detém nada. Ele exemplifica que para um milionário nato, um milhão de dólares é uma

coisa de sua realidade e mensurável. Para o matemático zeloso e o conferencista de economia, um milhão de dólares é tão real quanto mil dólares, por não possuírem ambos. Entretanto, o universo está contido por seres humanos que se encaixam entre esses dois grandes grupos, desconhecendo a mensuração dos milhões, contudo habituados a fazerem uso de milhares, e as assembleias financeiras são compostas por esses.

O conceito de endividamento pessoal é resultado de um forte fenômeno da contabilidade, a dívida. Um valor que a pessoa deve a um outro indivíduo, companhia e/ou governo, podendo ser contraída através de empréstimos, financiamentos, cartões de créditos entre outros. Além disso, geralmente a dívida inclui o valor presente que foi emprestado ou financiado, adicionalmente com juros e outras taxas, e quando possui inadimplência desse pagamento pode acarretar em juros mais altos e danos à reputação financeira.

O endividamento pessoal é resultado de diversas ações e comportamento financeiros, muitas das vezes ele é consequência de hábitos financeiros irresponsáveis, como gastos excessivos, falta de um planejamento financeiro e o uso de crédito de forma descontrolada. Contudo, por outro lado, o endividamento pode ser resultado de comportamentos financeiros responsáveis, como a execução de investimentos estratégicos, aquisição de bens duráveis. Logo, a partir desse cenário é visto a necessidade do cidadão adotar práticas financeiras responsáveis e eficazes para evitar o endividamento excessivo e manter sua saúde financeira. Há alguns autores que abordam e ratificam essa exposição em sua tese:

Klapper, Lusardi, Panos (2012) afirmam em sua tese que seres humanos mais educados financeiramente são mais suscetíveis a terem maior disponibilidade de renda e menor grau de endividamento.

Descrita por Rassier (2010), o endividamento é resultado de um descontrole financeiro, logo, ele afirma que antes de comprarem as pessoas devem verificar se a aquisição do bem ou serviço realmente faz-se necessário. Além disso, o autor ainda complementa dissertando sobre a relação da facilidade de crédito promovida pelos Bancos, através de financiamentos ao invés de comprá-las à vista.

Pinheiro (2008) discorre sobre a ligação da educação financeira para com o endividamento, visto que a educação contribui com o sistema econômico, dado que admite aos

agentes fazer uso de meios financeiro de maneira correta, transformando a inadimplência de deveres com terceiros.

Outro autor que aborda sobre a falta de planejamento financeiro ser um aspecto de alta determinação para o mau endividamento é o CERBASI (2004), em virtude da carência de planejamento é um motivo que gera sentimento de espanto nos cidadãos, especialmente em casais. Devido aos jovens estarem se casando cada vez mais, e estarem tomando orçamentos maiores provenientes da vida a dois, comprometendo suas receitas e gerando altas despesas.

Ainda que a temática de finanças pessoais e endividamento estejam em evidência em jornais, mídias sociais, é nítido que grande parte da sociedade até o momento não possui conhecimento sólido acerca do tema e acaba implicando uma grande parte do salário com dívidas e obtenção de bens em várias parcelas. Para Lizote, Simas e Lana (2012), os cidadãos que não tiveram o privilégio de ser educados financeiramente, costumam comprometer prestações consideráveis de sua renda, resultando em um endividamento.

A importância da inclusão do processo de ensino aprendizagem sobre educação financeira é extremamente necessário, o pensamento de construção de uma educação financeira precisa ser colocado em disciplinas curriculares através da grade curricular da criança desde a pré escola, para que o ser humano cresça com a consciência financeira a fim de que seja erradique o pensamento e comportamentos financeiros de má gestão do dinheiro, ocasionando em endividamentos e focando no controle sob suas finanças pessoais, tem como objetivo um consumo de maneira mais consciente.

Confirma-se esse argumento a partir da abordagem dos diversos autores citados acima, logo é inegável que são necessárias mudanças de hábitos financeiros e modifique a base inserindo o conhecimento financeiro para as crianças, para que desse modo não tornem jovens com comportamentos financeiros errados, como é visto na sociedade brasileira atual.

Segundo uma pesquisa sobre a educação financeira dos jovens brasileiros no SPC Brasil (2019) foi divulgado que quase metade dos jovens com idades entre 18 e 24 anos, nascidos na classificada Geração Z e denominados os primeiros oriundos digitais não possuem uma Gestão Financeira para com suas receitas e despesas. Posteriormente, o autor aborda algumas justificativas que o público respondeu como: o principal motivo que alegaram foi não saber fazer

ocupando um percentual de (19%), seguido por sentir preguiça (18%), depois por não ter hábito ou disciplina (18%) ou por não possuírem rendimento (16%). Entretanto, observando por outro lado, 53% afirmam controlar suas finanças pessoais, porém indo em oposição com a tecnologia atual, 26% ainda fazem uso do método tradicional bloquinho de papel para controle do orçamento.

Outro fator que pode ser evidenciado é que, de acordo com dados disponibilizados do SPC Brasil (2022), é visto que 46% dos jovens brasileiros entre 25 a 29 anos estão inadimplentes, ou seja, não executam pagamentos de suas contas ou dívidas, sendo considerado um consumidor inadimplente, possuindo uma dívida em aberto, e esse número vem crescendo consideravelmente em território brasileiro. O autor acrescenta ainda na matéria que 75% dos jovens com idade entre 18 e 30 anos não fazem controle orçamentário. O especialista em finanças pessoais, Marcos Salomão, esclarece que esse fenômeno pode ocorrer, em virtude de diversos fatores, um deles é a falta de conhecimento financeiro.

A maioria dos jovens que estão ingressando nas faculdades estão saindo do ensino médio, adentrando ao ensino superior juntamente ao mercado de trabalho através do estágio e, normalmente, estão despreparados para executar a gestão do próprio salário, e essa ação acaba gerando consequências como dívidas estudantis acompanhando-os para vida adulta.

Com isso, é possível verificar que a má educação financeira possui um reflexo de que dificulta o ato de guardar e economizar dinheiro, resultando em um expressivo número de dívidas e em um consumo muitas das vezes desnecessário. Portanto, é inegável tratar sobre a pauta de educação financeira é de extrema relevância desde a infância, para que os jovens possam buscar uma perspectiva de vida melhor, planejando um futuro mais estável e seguro através da educação financeira de qualidade. O autor Secco (2014) em seu livro confirma esse argumento quando ele aborda que a matriz curricular escolar possui objetivo de preparar o aluno para a vida, contudo por ser uma estrutura tradicional, acaba não levando em conta que o cidadão precisa conhecer também conceitos sobre a economia, juros bancários, prestações, definições que não são ensinadas nas escolas.

Diante dessa abordagem, o presente estudo objetivou entender a razão pela qual os jovens não possuem comportamentos financeiros adequados quando se deparam com situações de consumo, onde acabam gastando mais do que deveriam. A partir da pesquisa do SPC citada acima, enxerga-se que há falta de planejamento financeiro desses jovens, o que pode resultar em

endividamentos excessivos. Além disso, o autor Vieira (2015) conduziu uma pesquisa com universitários em que 18,5% deles indicaram a universidade como principal responsável por seu endividamento.

Mas como reverter esse quadro e buscar uma educação financeira de qualidade, já que há tanto endividamento devido à falta de planejamento financeiro? Para adquirir a autonomia financeira, o caminho é alcançar o planejamento financeiro visando uma melhor qualidade de vida e possuir uma segurança financeira até o fim da vida, com intuito de usufruir dos recursos próprios essa abordagem é do escritor Dietrich (2016). Em contrapartida, para Cerbasi (2004) para obter um planejamento adequado, é necessário controlar gastos, estipular metas, possuir uma disciplina com os investimentos, é preciso ainda lidar com as mudanças de renda e ter administração absoluta do que obteve ao longo da vida.

Outros autores que ratificam o posicionamento sobre o endividamento dos estudantes ser resultante da falta de planejamento financeiro, juntamente com o consumismo descontrolado, são os Avdzejus, Dos Santos e De Santanta (2012). Um grande fator apontado como causador do endividamento é a facilidade dos jovens solicitarem crédito, com a finalidade de alcançar status.

A partir dos canais de site da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) , Banco Central do Brasil e ainda ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), são encontrados cursos gratuitos sobre Educação Financeira básica, onde são identificados materiais escritos, através de apostilas e em vídeos também, possuindo cursos especificamente para os jovens brasileiros e para o público em geral de como gerir seu dinheiro.

A CVM fornece uma plataforma online chamada "CVM Educacional", que disponibiliza cursos, vídeos e publicações sobre temas relacionados ao mercado de capitais, investimentos, finanças pessoais e previdência. Para acessar a plataforma, basta se cadastrar gratuitamente no site da CVM. Enquanto que no Banco Central do Brasil, há o programa "BC Educa", que oferece cursos, jogos e materiais educativos sobre diversos temas financeiros, como orçamento pessoal, consumo consciente, poupança, investimentos, crédito e endividamento. O acesso também é gratuito e pode ser feito pelo site do Banco Central do Brasil.

E por fim, é visto ainda a ENEF também como um meio que oferece cursos gratuitos de educação financeira. A Estratégia Nacional de Educação Financeira é uma iniciativa conjunta com

diversos órgãos e entidades governamentais e não governamentais, com o intuito de promover a educação financeira no país. A plataforma de cursos online da ENEF oferece diversos módulos, com temas que vão desde orçamento pessoal até investimentos e previdência. Os cursos são auto instrucionais e podem ser acessados gratuitamente no site da ENEF, mediante cadastro.

Além desses sites, existem outras iniciativas e programas de educação financeira disponíveis na internet, como os oferecidos por corretoras de valores, bancos e empresas do setor financeiro. Contudo, é válido ressaltar que é necessário buscar fontes confiáveis e buscar informações antes da tomada de decisão financeira.

Entretanto, mesmo com a existência de diversas fontes de educação financeira gratuita na internet, muitos brasileiros não têm conhecimento para com a existência desses cursos gratuitos, por diversos motivos: por não terem acesso a internet, ou por não serem de conhecimento da população, pela falta de investimento em publicidade, resultando na carência de conhecimento da população sobre essas iniciativas.

Diante do exposto, verifica-se que para a educação financeira se torne uma cultura brasileira, assim como nos países desenvolvidos, alcançando a população de modo amplo e efetivo, atingindo todos os públicos principalmente os jovens, é preciso que tenha um trabalho em conjunto formado por três pilares: a sociedade, os órgãos governamentais e a mídia, para executar inicialmente propagar tais materiais gratuitos existentes, conscientizando e incentivando, juntamente, os cidadãos sobre a importância de uma gestão financeira.

III METODOLOGIA

Para criação, composição e análise dos resultados da pesquisa foram necessárias três fases. A fase inicial consistiu na elaboração de um questionário composto por 10 (dez) questões, com intuito de mensurar o comportamento financeiro dos jovens do Rio de Janeiro, através de um levantamento, para que desse modo fosse possível coletar os dados para pesquisa, esses dados foram válidos para nortear o presente estudo

Compondo a segunda fase do processo de composição de dados, onde os informantes executaram o preenchimento do questionário. Por fim, a terceira e última etapa do processo foi a análise dos resultados que serão detalhados no módulo adiante.

O objetivo dessa pesquisa, a partir do questionário, foi esclarecer como estava o cenário dos comportamentos financeiros dos jovens do Rio de Janeiro, para tomar conhecimento de como eles gerem suas finanças, que situação está seu planejamento financeiro, se há ou não, de modo que possa ser alertado aos mesmos a partir da conscientização sobre seus hábitos errados muitas das vezes e como fazer para mudá-los, revertendo a situação para que o público tenha uma mudança sobre sua educação financeira se a mesma estiver em déficit, uma vez é o panorama geral na maioria dos casos.

Logo, para a elaboração do presente trabalho, foram utilizados os métodos de pesquisas exploratórias, bibliográficas e pesquisa-ação, com abordagens quantitativa e qualitativa. A pesquisa exploratória, segundo a tese de Silva (2008), é realizada na área em que há pouco conteúdo, com o objetivo de construir alternativas para o problema.

Já a pesquisa bibliográfica, segundo Otani e Fialho (2011) é composta pela obtenção de informações a partir de fontes secundárias, fazendo uso de materiais publicados como: livros, documentos científicos, revistas, jornais, teses, dissertações. Equiparando essas fontes é possível observar o que os autores têm em comum sobre o tema..

Os aspectos da pesquisa-ação, conforme Fáveri, Blogoslawski e Facchini (2008) acontecem quando os indivíduos participantes da pesquisa estão contribuindo de modo a desenvolver um papel ativo na resolução dos problemas. Busca-se analisar os integrantes da pesquisa. Foram preenchidos (83) oitenta e três formulários para a composição da pesquisa. Os mesmos preencheram dez questões sobre sua Gestão financeira, o público alvo foram os jovens do Rio de Janeiro, a autora visou analisar e expor possíveis soluções para com os comportamentos financeiros desses, através da pesquisa.

Além disso, a monografia pode ser caracterizada como quantitativa, uma vez que segundo Silva (2008), é um modelo de pesquisa afetada pelas ciências naturais, onde é praticada a observação e experimentação.

Diante das exposições de Otani e Fialho (2011), a pesquisa quantitativa é caracterizada por quantificar o processo de coleta de dados. É possível salientar que na monografia presente a autora fez uso desse método quantitativo, uma vez que realizou o processo de coleta de

informações através de questionários em que foram aplicados de modo online através de um link no Google Forms, onde os respondentes puderam responder a pesquisa. Logo após, foram organizados gráficos e tabelas com os resultados da pesquisa, com os dados coletados por uma amostra dos jovens do Rio de Janeiro.

Já as conclusões são desenvolvidas através da análise dos dados resultantes da pesquisa. A cooperação para a composição da pesquisa está no modo com que os participantes, jovens do Rio de Janeiro, da mesma lidam com a gestão de suas finanças pessoais, em quais aspectos de gastos ou investimento distribuem sua renda, e a partir dos resultados foi possível evidenciar pontos benéficos e maléficis desses comportamentos.

Dessa forma, a presente pesquisa almeja objetivos como: tornar o jovem atual mais consciente sobre suas decisões financeiras, para que ele possa ter ciência sobre seu próprio dinheiro, promovendo seu olhar para poupar e investir sua renda, e principalmente alertar para a reflexão de economizar através da comparação de preços de produtos e serviços.

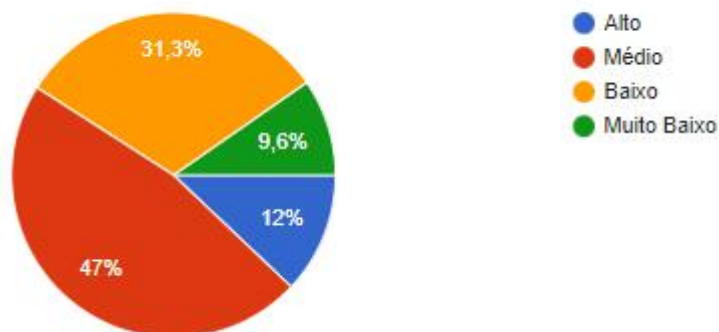
IV ANÁLISE DE RESULTADOS

Nesta seção, será tratado uma análise dos dados a partir das 83 (oitenta e três) respostas coletadas enviados pelos jovens da Cidade do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi feita através de questionários, a análise se classifica por caráter qualitativo e possui como intuito levantar elementos para discussão e fazer o apontamento de possíveis caminhos para uma conscientização financeira e o resultado que a falta da educação financeira gera. O questionário aborda questões que permeiam o tema sobre Gestão Financeira, Finanças Pessoais, incluindo investimentos, renda fixa, variável e reserva de emergência.

O questionário foi composto por 10 (dez) perguntas, sendo que as duas primeiras eram de características sociodemográficas, criadas com intuito de obter informações sobre a identificação social da pessoa e sua idade. Os resultados indicaram que a maioria dos jovens entre 18 e 30 anos, sendo 59% e 41% composto por homens.

A seguir, serão apresentadas, em forma de gráfico de pizza, as respostas obtidas pelos jovens referentes às demais 8 (oito) perguntas. Inicialmente, foi perguntado como o cidadão declarava seu conhecimento para com as Finanças Pessoais.

Questão 3: Como você declara seu conhecimento sobre Finanças Pessoais?

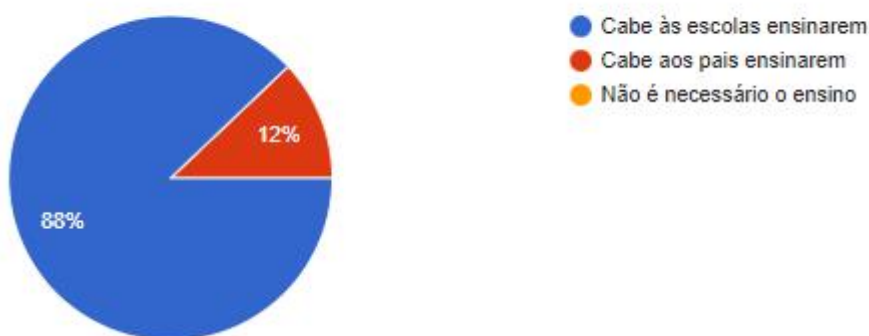


Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

A maioria dos jovens da pesquisa, cerca de 47%, declarou possuir conhecimento médio em relação às Finanças Pessoais, seguido por 31,3% que afirmaram ter um conhecimento baixo, 12% que consideraram ter conhecimento alto e 9,6% que consideraram seu conhecimento muito baixo. Esses resultados são originados pelo Rio de Janeiro não possuir uma educação financeira desde o ensino fundamental pelas escolas e menos ainda pelos pais.

Prosseguindo para a próxima pergunta sobre educação financeira, boa parte dos respondentes da pesquisa afirmam que cabe às escolas ensinarem sobre tal tema e nenhuma pessoa respondeu que não é necessário o ensino. Portanto, a partir desse resultado, é admitido que todos os participantes da pesquisa concordam que ou as escolas devem ensinar ou os pais devem ensinar, e ainda nota-se que há um acordo de que a educação financeira. Deve ser ensinado, sendo um ponto positivo, haja vista que o cidadão jovem possuem a consciência da importância da educação financeira e isso é um importante passo para uma vida financeira saudável.

Questão 4: Sobre a Educação Financeira, em sua opinião:



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

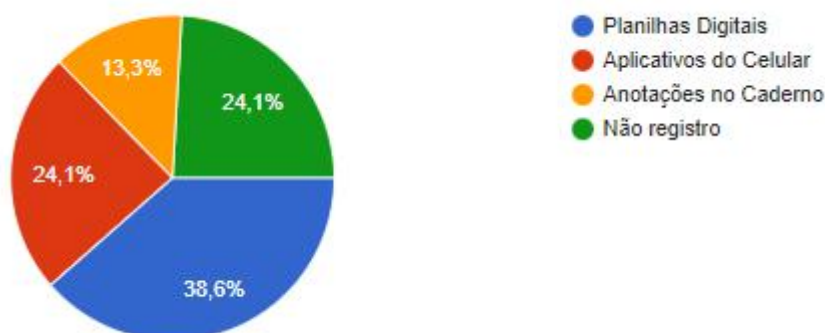
Dando prosseguimento, a quinta pergunta visou analisar como os jovens estão registrando ou não seus gastos financeiros. A partir dos dados apresentados abaixo, ficou nítido que quase ¼ dos jovens que responderam a pesquisa não registraram suas despesas, o que é um fator alarmante. Quando os gastos não são registrados, torna-se mais propenso a não ter controle sobre o dinheiro, resultando em endividamento devido à falta de uma organização financeira adequada.

Contudo, é importante evidenciar ainda que a grande parte dos participantes da pesquisa registram seus gastos financeiros a partir de aplicativos do celular e planilhas digitais. Esse cenário reflete o avanço tecnológico e a facilidade proporcionada por esses métodos digitais. No entanto, as anotações no caderno ainda ocupam um lugar considerável no gráfico, atingindo a marca de 13,3%, mesmo sendo um método quase obsoleto nos dias atuais.

Esse cenário é reflexo do país como um todo, uma vez que a partir da pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em todas as cidades do Brasil evidenciam que 45% dos nativos não fazem esse controle financeiro do próprio orçamento. Além disso, conta-se ainda que 21% confiam na própria memória para administrar seus recursos financeiros.

Com isso, pode-se concluir que o Brasil não é uma nação de exemplo quando a temática é controle financeiro, e é necessário que sejam feitas mudanças para reverter esse cenário social-econômico alarmante.

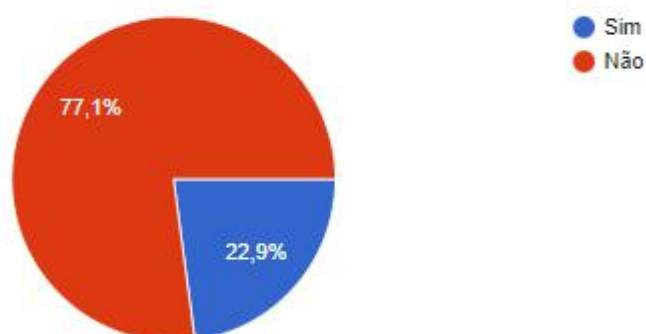
Questão 5: Como você registra seus gastos financeiros?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

A sexta pergunta foi uma extensão da anterior, haja vista que a autora visou investigar como eram feitos os registros desses gastos, se eles eram guardados através de notas ou apenas lançados de acordo com seus fatos geradores. O resultado revelou que apenas $\frac{1}{4}$ dos participantes guardam as notas fiscais dos estabelecimentos, o que é novamente um resultado baixo quando pensa em um geral, que todos deveriam fazer, uma vez que essa ação facilitaria e muito no controle dos gastos. Abaixo é visto os dados expostos nesse texto.

Questão 6: Você costuma guardar os cupons fiscais dos estabelecimentos em um determinado local?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Agora, dissertando sobre outro tópico extremamente importante quando o assunto é Finanças Pessoais, que foi abordado na questão 7 do questionário é a Reserva de Emergência.

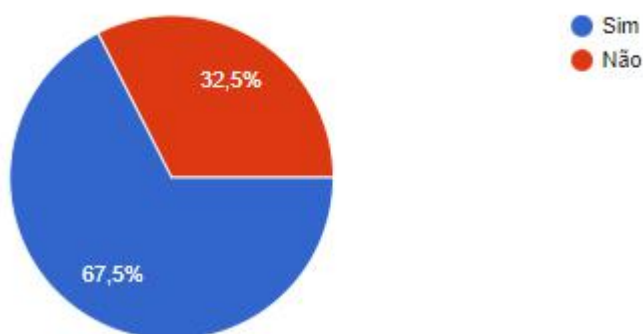
Por definição, a Reserva de Emergência é um valor calculado e normalmente investido a um determinado número de meses equivalente ao seu custo de vida. Especialistas recomendam reservas que cubram 6 a 12 meses dos gastos que o cidadão possui, para que estejam preparados para enfrentar acontecimentos inesperados.

O montante é investido em uma aplicação segura, seguindo o perfil conservador, geralmente com liquidez diária, sendo necessário estar em situação de fácil retirada para uma eventual necessidade, a reserva de emergência é conhecida popularmente como o famoso “pé de meia”, de forma geral.

Em uma pesquisa do site Valor Investe da Globo, foi mostrado que durante a pandemia os brasileiros montaram reservas de emergência. Com isso, fica evidente a importância de possuir investimentos de liquidez diária para salvar as finanças em momentos de necessidade e urgência. Um dado extremamente relevante gerado pela pesquisa foi que, no início da pandemia em abril de 2020, 44% dos brasileiros declararam ter reserva de emergência, e esse número cresceu para 57% em junho de 2021, de acordo com pesquisa da fintech Neon.

Após essa definição e a pesquisa apresentada, é possível observar os resultados do questionário. A questão 7, paradoxalmente em relação à questão anterior, apresentou um resultado positivo sobre a reserva de emergência, onde a maioria, 67,5% dos entrevistados, alegaram possuir esse recurso. A reserva obteve esse aumento em virtude da pandemia como evidenciada no pesquisa do site valor investe.globo, abaixo tem-se o gráfico de pizza para ilustrar tal porcentagem.

Questão 7: Possui Reserva de Emergência?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

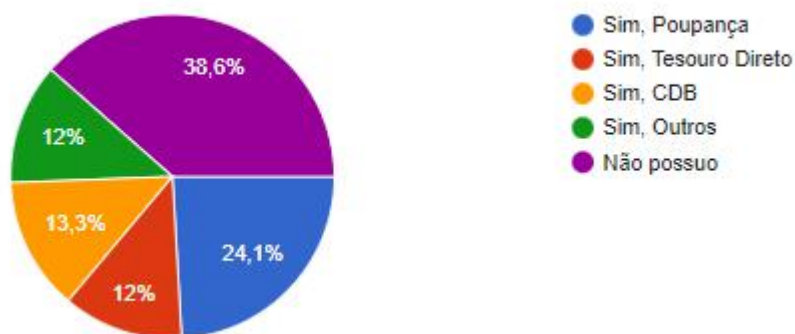
Outro tópico de investimentos bastante relevante é o de renda fixa, que é denominado assim justamente por conter uma rentabilidade previsível, podendo ser fixada em um percentual mensal ou estar baseada em algum parâmetro como a taxa Selic, o CDI, inflação ou outros. As pessoas que não possuem reserva de emergência podem optar por realizar investimentos em renda fixa.

Por definição, a compra de um título de renda fixa significa que você está emprestando dinheiro ao emissor, que pode ser um banco, empresa ou Governo Federal. Além disso, a renda fixa é toda aplicação que possui regras de rendimento definidas previamente, no ato do investimento. O investidor já fica sabendo o prazo e a taxa de rendimento, tornando-a uma opção adequada para perfis mais conservadores, uma vez que é um tipo de investimento que busca segurança e rentabilidade, sendo mais previsível do que a renda variável, assunto que será abordado no próximo tópico.

Trazendo essa temática sobre investimentos em renda fixa para o presente estudo, a partir da questão 8, foi feita uma pergunta se os respondentes do questionário possuíam algum tipo de investimento em renda fixa. A resposta foi bem diversificada, onde a maioria afirmou possuir pelo menos algum tipo de investimento em renda fixa, gerando um total de 61,4%, em contraponto com o percentual de 38,6% dos participantes que não possuem tal investimento.

Observa-se que mais da metade dos participantes da pesquisa fazem algum tipo de investimento em renda fixa, e esse interesse tem aumentado cada dia mais devido à evolução do conhecimento sobre esses investimentos. Esse interesse crescente pode ser atribuído a diversos motivos, sendo um deles, indubitavelmente, a pandemia, que despertou o interesse das pessoas em cuidar melhor de suas finanças pessoais. A seguir é exibido o gráfico descrito na questão 8.

Questão 8: Possui algum investimento de Renda Fixa?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Sobre o investimento de renda variável, caracteriza-se por comprometer recursos hoje, na expectativa de receber mais no futuro. No entanto, não é possível dimensionar a rentabilidade no ato da aplicação, podendo variar de modo positivo (recebendo um valor maior que o investido ao final do investimento, ocorrendo a valorização do montante) ou negativo (recebendo um valor menor que o investido ao final do investimento, ocorrendo a desvalorização do montante). Há diversos cenários para esse investimento, especificamente em condições de incerteza, onde existe risco, tornando o retorno desconhecido.

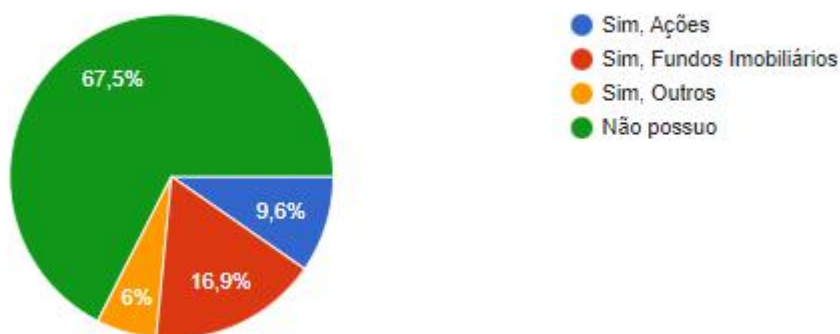
Alguns exemplos de renda variável são os fundos de investimento, ações na bolsa de valores propostas pelo mercado financeiro, cujo são títulos que representam uma quota de uma determinada empresa, fazendo com que a partir da compra deste título o investidor se torne sócio dessa empresa, ainda que contendo uma parte ínfima. A compra desses títulos é feita através de uma conta na corretora, por meio do home broker, que é um sistema entre os bancos de investimento e o investidor e que permite a conexão para com o mercado de capitais.

Dessa forma, verifica-se que o investimento de renda variável é o oposto de renda fixa, dado que o primeiro é mais indicado para perfis moderados e arrojados, enquanto o segundo é mais recomendado para perfis conservadores dos investidores.

Outrossim, os investidores de renda variável não conseguem ter a certeza sobre o futuro desses investimentos, são feitos cálculos a partir de índices como EBITDA, ROE, Índices de Liquidez ou Solvência, Índices de Estrutura ou Endividamento, Índices de Lucratividade ou de Margem, Índices de Rentabilidade e Índices de Rotatividade, e com esses índices calculados os investidores conseguem ter uma previsão de rentabilidade futura, mas não é possível ter 100% de certeza desse retorno e valorização desses títulos variáveis.

Essa incerteza e desconhecimento sobre os investimentos, resultado da falta de educação financeira, dificultam o investimento em renda variáveis como demonstrado nos dados gerados na questão 9, onde 67,5% da população que participou do questionário confirmou não possuir investimento de renda variáveis, enquanto apenas 32,5% alegaram investir em fundos imobiliários, ações e outros, como pode ser analisado no gráfico abaixo.

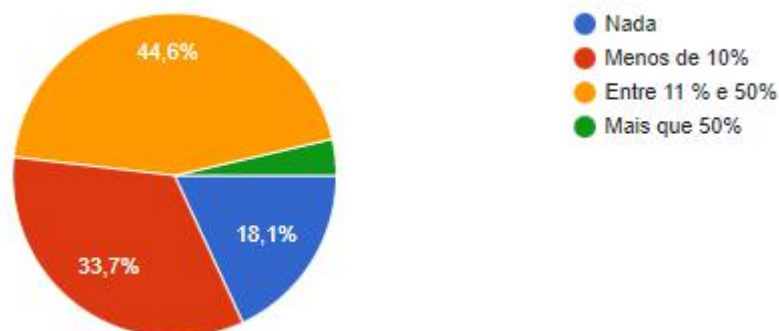
Questão 9: Possui algum investimento de Renda Variável?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Por fim, abordando o tópico da última pergunta do questionário, que se refere à quantia de renda os jovens participantes da pesquisa poupam ao mês, o resultado teve um saldo bom, dado que a maioria possui a consciência de poupar, correspondendo a 81,9% o percentual do público que poupa pelo menos alguma parte de sua renda e apenas 18,1% que não poupam nada, como é visto no gráfico abaixo.

Questão 10: Quanto da sua renda você poupa ao mês?



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Diante dos gráficos de pizza expostos, os aspectos exibidos na descrição dos resultados fazem referência aos tópicos apresentados nos dados preenchidos pelos entrevistados, relacionados ao roteiro prévio de gestão financeira no âmbito das finanças pessoais.

Os gráficos fornecem informações valiosas sobre o conhecimento e práticas financeiras dos jovens participantes da pesquisa, destacando áreas como a conscientização sobre a importância da educação financeira, o registro de gastos, a posse de reserva de emergência e os tipos de investimentos realizados.

Essas informações são fundamentais para compreender a situação financeira atual dos jovens e também indicam áreas em que é necessário maior esforço educacional e de conscientização para melhorar a gestão financeira individual e coletiva. O estudo desses resultados auxilia na identificação de pontos de melhoria e no desenvolvimento de estratégias para incentivar hábitos financeiros mais saudáveis, possibilitando uma melhor compreensão dos desafios enfrentados pelos jovens na gestão de suas finanças pessoais.

V – CONCLUSÃO

Em síntese, a presente pesquisa revelou a relevância incontestável da educação financeira como ferramenta essencial para a formação de indivíduos conscientes e responsáveis no que tange à gestão de recursos monetários. A análise dos dados obtidos através da pesquisa-ação e da análise bibliográfica oferece insights valiosos sobre os comportamentos financeiros dos jovens do Rio de Janeiro, expondo lacunas preocupantes em seu conhecimento financeiro e revelando uma tendência preocupante de endividamento.

Os resultados demonstraram que grande parte dos jovens pesquisados apresenta deficiências significativas em suas habilidades de planejamento financeiro, tomada de decisões conscientes e discernimento sobre o uso adequado do crédito. A ausência de educação financeira adequada tem consequências profundas, resultando em endividamento, consumo excessivo e dificuldades econômicas em etapas posteriores de suas vidas. Nesse sentido, a pesquisa ratificou a importância de uma abordagem sistemática e abrangente à educação financeira desde as fases iniciais do desenvolvimento.

Os estudos bibliográficos alinhados à pesquisa-ação ressaltaram a necessidade premente de reformas no sistema educacional, incorporando a educação financeira de maneira transversal e interdisciplinar. A literatura consultada demonstrou que países desenvolvidos que implementaram com sucesso programas de educação financeira observaram resultados promissores em termos de redução do endividamento e tomada de decisões financeiras mais conscientes. As referências abordaram o papel crucial das instituições governamentais, educacionais e da sociedade civil para promover a educação financeira como uma ferramenta de empoderamento econômico.

A autora procedeu-se à análise dos dados obtidos a partir das 83 respostas coletadas dos jovens da Cidade do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários, e a análise se classificou como qualitativa, com o propósito de levantar elementos para discussão e apontar possíveis direções para a conscientização financeira e as consequências da falta de educação financeira. O questionário compreendeu 10 perguntas, incluindo características sociodemográficas e tópicos relacionados à Gestão Financeira e Finanças Pessoais, abrangendo investimentos, renda fixa, renda variável e reserva de emergência.

Ao interpretar os dados apresentados, é possível identificar padrões e tendências que fornecem insights valiosos sobre as práticas financeiras dos jovens da Cidade do Rio de Janeiro. Esses resultados ressaltam a necessidade de uma abordagem abrangente de educação financeira desde cedo, a fim de preencher as lacunas identificadas e capacitar os jovens para uma gestão financeira mais consciente e eficaz. Além disso, os dados destacam a importância da tecnologia como ferramenta auxiliar na gestão financeira, bem como a necessidade contínua de conscientização sobre investimentos e planejamento financeiro. Em suma, essa análise dos dados contribui para a compreensão das práticas financeiras dos jovens e aponta para ações necessárias no sentido de uma educação financeira mais abrangente e eficaz.

Ao considerar os desafios inerentes à educação financeira, é fundamental mencionar a necessidade de adaptação e inovação contínuas. Dada a constante evolução do cenário econômico e das tecnologias financeiras, a educação financeira deve ser dinâmica e atualizada para refletir as realidades em constante mudança. Ademais, a pesquisa demonstrou que os jovens estão receptivos a abordagens educativas práticas, como cursos online e recursos interativos, o que sublinha a importância de plataformas educacionais adaptadas às preferências da geração digital.

Em conclusão, a pesquisa oferece uma visão abrangente e atualizada sobre a importância da educação financeira na formação de indivíduos financeiramente conscientes e capacitados. Os resultados indicam a necessidade de ações coordenadas entre o governo, instituições educacionais e a sociedade como um todo para implementar programas eficazes de educação financeira desde a infância. Esta pesquisa contribui para a compreensão dos desafios e oportunidades que cercam a educação financeira, destacando seu papel vital na construção de um futuro financeiro sólido para os jovens do Rio de Janeiro e, por extensão, para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVDZEJUS, Érica Elena; DOS SANTOS, Assuele Cerqueira; DE SANTANTA, Juliane Oliveira. Endividamento precoce: Uma Análise da concessão de crédito e dos fatores que influenciam no endividamento de jovens Universitários da Faculdade UNIME no município de Lauro de Freitas/BA. IX SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, Lauro de Freitas/BA, v. 9, nov. 2012.

BCB.Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/bc-educacao-financeira>. Acesso em: 10 maio 2023.

BODIE, Zvi, MERTON, Robert C. Finanças. Porto Alegre: Bookman. 1999.

CAMPBELL, J. Y. Household Finance. The Journal of Finance, v. 61, n. 4, p. 1553-1604. 2006.

CAMARGO, C. Planejamento financeiro pessoal e decisões financeiras organizacionais: relações e implicações sobre o desempenho organizacional no varejo.

CERBASI, Gustavo. Casais inteligentes enriquecem juntos. Editora Gente, São Paulo, 2004.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. dos S. B. (Org.) Finanças Pessoais: Conhecer para enriquecer. São Paulo: Atlas, 2010.

COELHO, Joice. A Arte de Contabilizar: Educação Financeira. Espaço Cont, 2011. Disponível em: . Acesso em 25 de março de 2017.

Curitiba, 2007. Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná, 2007.

CNseg. 45% dos brasileiros não controlam as próprias finanças. Disponível em: <https://cnseg.org.br/noticias/45-dos-brasileiros-nao-controlam-as-proprias-financas.html>. Acesso em: 15 março 2023.

CVM.Disponível em: <https://www.cvm.gov.br/cvm-educacional>. Acesso em: 10 maio 2023.

DIETRICH, Jônatas; BRAIDO, Gabriel Machado. Planejamento Financeiro Pessoal para Aposentadoria: um estudo com alunos dos cursos de especialização de uma instituição de ensino superior. Sociedade, Contabilidade e Gestão, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, maio/ago. 2016.

DOLVIN, S. D.; TEMPLETON, W. K. Financial education and asset allocation. Financial Services Review, v. 15, n. 3, p. 133, Summer 2006.

EKER, T. H. Os segredos da mente milionária: aprenda a enriquecer mudando seus conceitos sobre dinheiro e adotando os hábitos das pessoas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

FIGUEIRAS, Maria Luiza. O investidor brasileiro é preguiçoso e perde dinheiro com isso. Disponível em: . Acesso em 17 de Junho de 2014.

FERNANDES, Bruno V. R.; MONTEIRO, Danilo L.; SANTOS, Wagner R. Finanças Pessoais: Um Estudo dos seus Princípios Básicos com Alunos da Universidade de Brasília. CAP Accounting and Management, v. 6, n. 6, p. 9-27, 2012.

FÁVERI H. J.; BLOGOSLAWSKI I. P. R.; FACHINI O. Educar para pesquisar: normas para produção de textos científicos. Rio do Sul: Nova letra, 2008. 147 p.

GITMAN, L. J; MADURA, J. Administração financeira. Uma abordagem gerencial. São Paulo: Pearson, 2003.

GREENSPAN, Alan. Financial Literacy: A Tool for Economic Progress. The Futurist, v. 36, n° 4, p. 20237 – 41, July – Aug, 2002.

HENRIQUES, Sandra C. M. Aspectos da literatura financeira dos portugueses: um estudo empírico. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010.

KIOYOSAKI, Robert T.; Lechter, S.L. Pai Rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Ed. 66°, Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

KLAPPER, Leora F.; LUSARDI, Annamaria; PANOS, Georgios A. Financial Literacy and the Financial Crisis. National Bureau of Economic Research, Cambridge, 2012.

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; PANOS, G. A. Alfabetização Financeira e Crise Financeira. Disponível em . Acesso em: 04 dez. 2018.

LIZOTE, S. A.; SIMAS, J. de; LANAS, J. Finanças Pessoais: um Estudo Envolvendo os Alunos de Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior de Santa Catarina. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Anais do IX SEGeT 2012. Resende, 2012.

LUSARDI, A. 401(k) Pension Plans and Financial Advice: Should Companies Follow IBM's Initiative? Employee Benefit Plan Review, p. 16-18. 2007.

OTANI N.; FIALHO F. A. P. Tcc: métodos e técnicas. Florianópolis: Visual books, 2011. 160 p.

PINHEIRO, R. P. Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão. São Paulo: Peixoto Neto, 2008.

PIRES, Diniz et al. Educação Financeira como estratégia para inclusão de jovens na bolsa de valores. Tourism and Management Studies International Conference, Proceedings... Algarve, Portugal. 2012, v. 3, p. 720-730.

REIS, C. V. S.; MATSUMOTO, A. S.; BARRETO, R. A. A propensão ao endividamento pessoal no distrito federal. Revista de economia e administração, Brasília, vol.12, n.4, p.415-427, 2013.

SECCO, Renata Lima. Importância da Educação Financeira na infância: uma revisão de literatura. 2014. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/erv/observ/y2014i20314.html>. Acesso em: 5 out. 2020.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. Metodologia de pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses. São Paulo: Atlas, 2008. 180 p.

SCHAGEN, Sandie; LINES, Anne L. Financial Literacy in adult life: a report to the Natwest Group Charitable Trust. Slough, Berkshire: National Foundation for Educational Research, 1996.

Valor Investe. Mais brasileiros montaram reserva de emergência durante a pandemia. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/renda-fixa/noticia/2021/07/19/mais-brasileiros-montaram-reserva-de-emergencia-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 28 abril 2023.

VIDAEDINHEIRO. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/>. Acesso em: 10 maio 2023

XP Investimentos. Investimentos em renda fixa continuam a avançar no Brasil. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/renda-fixa/relatorios/investimentos-em-renda-fixa-continuam-a-avancar-no-brasil/>. Acesso em: 27 fevereiro 2023.

I CONCLUSÃO

A monografia pretendeu avaliar se os investimentos nas ofertas públicas iniciais realizadas pelas empresas listadas no segmento “Novo Mercado” no período de 2015 a 2019 representaram uma “oportunidade” ou “armadilha” para o investidor que vendeu na data do IPO e nos primeiros cinco anos de sua negociação.

O estudo analisou o desempenho de 15 (quinze) ações que foram lançadas neste período na B3 para verificar as hipóteses de oportunidade na data do lançamento do ativo e de baixa performance perante a outros ativos quando o período é alongado. Conforme exposto ao longo desse trabalho, os fenômenos de *underpricing* e de *underperformance* foram documentados em diversos trabalhos de outros autores.

Os resultados obtidos demonstraram que apenas, no IPO, a maior parte dos ativos, que entraram no mercado acionário em 2015 a 2019, representou “oportunidade” para o investidor. Após o primeiro ano de negociação, o número de “armadilhas” para o investidor, que adotou a estratégia de *buy and hold*, aumentou.

Isso demonstra que o investidor especulador que participou de todas as ofertas iniciais do período teve maior chance de ganhos do que o investidor que adotou a postura de carregar o ativo após a oferta pública inicial.

Quando se analisa a performance de longo prazo, em geral, o retorno foi abaixo do mercado e/ou também da taxa livre de risco. As ações, em alguns casos, tiveram inclusive prêmio de risco negativo, que é quando o rendimento do ativo é menor do que a taxa do ativo livre de risco (CDI).

Os resultados apurados podem ser mais um indício dos fenômenos evidenciados por outros autores: *underpricing* no IPO e de *underperformance* no médio e longo prazo. No entanto, como a amostra de ações neste período é pequena, não é possível confirmar se de fato os fenômenos aconteceram.

O desempenho das ações de uma empresa é influenciado essencialmente por fatores sistemáticos, que afetam todo o mercado, ou por características inerentes a empresa, como, por exemplo, liquidez, rentabilidade, alavancagem, valor patrimonial e, especialmente, se o preço

inicial foi subavaliado ou superavaliado, dentre outros indicadores (Saturnino, 2012). Em resumo, o retorno dos ativos pode ser impactado por diversas variáveis endógenas ou exógenas.

Não foi escopo desta monografia a análise dos fatores que determinaram o desempenho dos ativos, mas, apenas, a avaliação se a participação do investidor nos IPOs no período de 2015 a 2019 representou uma oportunidade ou não. As causas que impactaram na performance desses ativos ou a replicação desta metodologia para uma amostra e período maior ficam de sugestão para novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

momento para o “insider trading”: o período anterior ao anúncio de uma emissão pública de ações. **Revista Brasileira de Mercado de Capitais**. Rio de Janeiro. IBMEC, v. 15, n. 41. p. 21-26, 1990.

LEAL, R.P.C. Por que há retornos anormais nas aberturas de capital no Brasil? **Revista de administração da USP**, v. 26, n. 4, p. 107-112, 1991.

LOUGHRAN, T.; RITTER, J.; RYDQVIST, K. “Initial public offerings: International insights”, **Pacific-Basin Finance Journal** 2, 165-199, 1994.

LOUGHRAN, T.; RITTER, J. The new issues puzzle. **The Journal of Finance**, USA, v.50, nº 1, p. 23-51, mar. 1995.

MACEDO, L.F.M.T. **Análise do padrão comportamental dos IPOs no Brasil no período 2004-2007**. Monografia de fim de curso (graduação em Economia) – PUC – Rio de Janeiro, nov. 2008.

MARTINS, F.M.B. **Desempenho de Longo Prazo de IPOs no Brasil: um estudo para o período de 2004 a 2015**. Dissertação (Mestrado em Economia) – FGV – São Paulo, 2016.

MILLER, E.M.. “ Risk, uncertainty, and divergence of opinion”, **The Journal of Finance** 32, 151-1168. 1977.

RITTER, J.; WELCH, I. “A Review of IPO activity, pricing, and allocations”, **The Journal of Finance**, USA, v.57, n.4, p.1795-1828, Aug. 2002

